

# ISRAEL E TERRITÓRIOS PALESTINIANOS OCUPADOS

## ESTADO DE ISRAEL

Chefe de Estado:	Shimon Peres
Chefe de Governo:	Binyamin Netanyahu (substituiu Ehud Olmert em Março)
Pena de morte:	abolicionista para crimes comuns
População:	7,2 milhões (Israel); 4,3 milhões (TPO)
Esperança média de vida:	80,7 anos (Israel); 73,3 anos (TPO)
Taxa de mortalidade - menores de 5 anos (m/f):	6/5 por 1000 (Israel); 23/18 por 1000 (TPO)
Taxa de literacia nos adultos:	97,1 por cento (Israel); 93,8 por cento (TPO)

As forças israelitas cometeram crimes de guerra e outras violações graves da lei internacional na Faixa de Gaza durante uma ofensiva militar de 22 dias com o nome de código Operação "Chumbo Fundido", que terminou a 18 de Janeiro. Entre outros actos, levaram a cabo ataques indiscriminados e desproporcionais contra civis, atacaram e mataram pessoal médico, usaram civis palestinianos como "escudos humanos" e dispararam indiscriminadamente projecteis de fósforo branco contra zonas residenciais densamente povoadas. Mais de 1380 palestinianos, incluindo mais de 330 crianças e centenas de outros civis, foram mortos. Grande parte de Gaza foi arrasada, infra-estruturas vitais foram destruídas, a economia foi arruinada e milhares de palestinianos ficaram desalojados.

As forças israelitas continuaram a impor sérias restrições à movimentação nos Territórios Palestinos Ocupados (TPO) durante o ano de 2009, prejudicando o acesso a serviços essenciais e a terrenos agrícolas. Estas restrições incluíam o bloqueio militar à Faixa de Gaza, que na prática deixava 1,5 milhões de pessoas prisioneiras e deu origem a uma crise humanitária. Apesar disso, Israel impediu frequentemente a entrada em Gaza de ajuda internacional e assistência humanitária. Centenas de palestinianos gravemente doentes foram impedidos de deixar Gaza para receber tratamento médico e pelo menos 28 pessoas morreram enquanto aguardavam autorização para viajar. As forças israelitas continuaram a despejar à força palestinianos, a demolir as suas casas e a expropriar as suas terras na Cisjordânia ocupada, incluindo Jerusalém Oriental, ao mesmo tempo que permitiam a expansão de colonatos israelitas em terras palestinianas ilegalmente confiscadas.

Ao longo do ano, as forças israelitas usaram força excessiva e, por vezes, letal contra civis palestinianos. Continuaram as alegações de maus-tratos contra detidos palestinianos, que raramente eram investigadas. Centenas de palestinianos encontravam-se detidos administrativamente sem culpa formada, enquanto outros cumpriam sentenças impostas na sequência de julgamentos militares injustos. Os soldados e colonos israelitas que cometeram graves abusos dos direitos humanos contra palestinianos gozavam de virtual impunidade.

## Antecedentes

As eleições parlamentares israelitas de Fevereiro ficaram marcadas pela subida dos partidos de direita e pela formação de um governo de coligação que incluía o Partido Trabalhista, o partido de direita Likud e o partido de extrema-direita Yisrael Beitenu.

O governo norte-americano reforçou os apelos para que Israel travasse a construção de colonatos como primeiro gesto destinado a fazer reviver o processo de paz, mas não teve resposta.

## Operação “Chumbo Fundido”

A ofensiva militar israelita de 22 dias em Gaza, lançada sem aviso, tinha como objectivo acabar com os ataques de rockets contra Israel levados a cabo por facções armadas ligadas ao Hamas e a outros grupos palestinianos. A ofensiva provocou a morte a cerca de 1380 palestinianos e feriu cerca de 5000, a maior parte deles com gravidade. Mais de 1800 dos feridos eram crianças. Milhares de casas de civis, empresas e edifícios públicos foram destruídos. Bairros inteiros foram arrasados. Os sistemas de abastecimento de electricidade e água e o sistema de esgotos foram seriamente danificados, tal como outras infra-estruturas vitais. Uma vasta extensão de terras agrícolas e muitas propriedades industriais e comerciais foram destruídas. Grande parte da destruição foi gratuita e deliberada, e não podia ser justificada com necessidade militar. Treze israelitas foram mortos durante a ofensiva, incluindo três civis mortos por rockets e morteiros disparados por grupos armados palestinianos contra o Sul de Israel (ver entrada da Autoridade Palestiniana).

Antes e durante a Operação “Chumbo Fundido”, o Exército israelita recusou a entrada em Gaza de observadores independentes, jornalistas, monitores dos direitos humanos e trabalhadores humanitários, isolando, na prática, Gaza do mundo exterior. As autoridades recusaram ainda colaborar com uma investigação do Conselho dos Direitos do Homem da ONU (HRC).

O relatório do HRC, publicado em Setembro e conhecido como relatório Goldstone, acusava tanto Israel como o Hamas de crimes de guerra e de possíveis crimes contra a humanidade em Gaza e no Sul de Israel. O relatório recomendava que os responsáveis por crimes de guerra fossem levados a responder perante a justiça.

As autoridades israelitas não abriram qualquer investigação independente e imparcial à conduta das suas forças durante a Operação “Chumbo Fundido”, embora se tenham realizado algumas investigações internas.

### **Homicídios dolosos**

Centenas de civis foram mortos em ataques israelitas com munições de elevada precisão e alcance disparadas por aviões de combate, helicópteros e aviões não-tripulados, ou por tanques estacionados a vários quilómetros dos seus alvos. As vítimas não foram apanhadas no fogo cruzado ou a dar abrigo a militantes, mas mortas nas suas casas enquanto dormiam, realizavam as suas tarefas diárias ou brincavam. Alguns civis, incluindo crianças, foram mortos a curta distância quando não constituíam qualquer ameaça para as vidas dos soldados israelitas. Ambulâncias e paramédicos foram repetidamente atacados quando tentavam socorrer os feridos, e várias pessoas foram mortas.

Dezenas de civis foram mortos ou feridos por armamento menos preciso, como obuses de artilharia e morteiros, e projecteis com milhares de pequenos dardos disparados por tanques. Bombas de fósforo branco foram lançadas de forma indiscriminada contra áreas residenciais densamente povoadas, matando e ferindo civis e destruindo propriedades e bens civis.

Muitos destes ataques violaram as leis internacionais devido ao seu carácter desproporcionado e indiscriminado, por alvejarem directamente civis e objectos civis, incluindo pessoal e veículos médicos, por não serem tomadas todas as precauções possíveis para minimizar os riscos para os civis, e por não garantirem o acesso e a passagem de pessoal e veículos médicos e de assistência.

■ A 4 de Janeiro, Sa’adallah Matar Abu Halima e quatro dos seus filhos foram mortos num ataque com bombas de fósforo branco contra a sua casa na região de Sayafa, no Noroeste de Gaza. A sua mulher, Sabah, sofreu queimaduras graves e contou à Amnistia Internacional que tinha visto a sua bebé Shahed derreter nos seus braços. Pouco depois deste ataque, soldados

israelitas mataram a curta distância os primos Matar e Muhammad Abu Halima, quando estes tentavam levar os familiares queimados para o hospital.

■ Na noite de 6 de Janeiro, 22 membros da família al-Daya, na sua maior parte mulheres e crianças, foram mortos quando um avião F-16 israelita bombardeou a sua casa no bairro de al-Zaytoun, na cidade de Gaza.

#### **Ataques contra alvos civis**

As forças israelitas atacaram hospitais, pessoal médico e ambulâncias, bem como instalações humanitárias, incluindo as instalações da Agência da ONU para a Ajuda aos Refugiados Palestinos (UNRWA). Pelo menos 15 dos 27 hospitais de Gaza foram danificados, alguns de forma considerável. Cerca de 30 ambulâncias foram atingidas e 16 funcionários de saúde mortos. A Amnistia Internacional não encontrou provas de que o Hamas ou outros militantes armados tenham usado os hospitais para se esconderem ou lançarem ataques, e as autoridades israelitas não apresentaram provas para suportar essas alegações.

■ Três paramédicos – Anas Fadhel Na'im, Yaser Kamal Shbeir e Raf'at Abd al-'Al – foram mortos a 4 de Janeiro na cidade de Gaza por um míssil israelita quando se aproximavam de dois homens feridos. Um rapaz de 12 anos, Omar Ahmad al-Barade'e, que lhes indicava o caminho, foi igualmente morto.

■ Por volta das 06h00 da manhã do dia 17 de Janeiro, um obus de fósforo branco disparado por uma peça de artilharia explodiu na escola primária da UNRWA em Beit Lahia, onde mais de 1500 pessoas estavam refugiadas. Duas crianças – Muhammad al-Ashqar e o seu irmão Bilal – de cinco e sete anos, respectivamente, foram mortas. Mais de uma dezena de outros civis refugiados na escola ficaram feridos.

#### **Uso de civis como "escudos humanos"**

Em várias ocasiões, soldados israelitas usaram civis palestinianos, incluindo crianças, como "escudos humanos" durante operações militares, ou obrigaram-nos a realizar tarefas perigosas. Os soldados israelitas lançaram também ataques junto a casas habitadas.

■ A 5 de Janeiro, e durante dois dias, tropas israelitas mantiveram Yousef Abu 'Ida, a sua esposa Leila e os seus nove filhos como "escudos humanos" na sua residência em Hay al-Salam, a leste de Jabalia, enquanto usavam a casa como posição militar. A seguir obrigaram a família a sair de casa e destruíram-na.

#### **Assistência humanitária bloqueada**

As forças israelitas bloquearam deliberadamente ou impediram o trabalho das equipas de ajuda de emergência e assistência humanitária. Atacaram ainda caravanas de ajuda e centros de distribuição, além de pessoal médico, forçando a UNRWA e o CICV a reduzir as suas operações em Gaza durante a ofensiva.

■ Vários membros da família al-Sammouni sangraram até à morte nos dias que se seguiram a um ataque contra a sua casa no bairro de al-Zaytoun, na cidade de Gaza, a 5 de Janeiro, porque o Exército israelita não permitiu a passagem de ambulâncias ou de alguém que pudesse socorrê-los. Crianças ficaram três dias sem comida nem água junto aos corpos dos familiares mortos. No total, morreram 29 membros da família al-Sammouni.

### **Bloqueio a Gaza – crise humanitária**

O bloqueio militar continuado a Gaza, em vigor desde Junho de 2007, agravou a crise humanitária em curso. O desemprego em massa, a pobreza extrema, a insegurança alimentar e os elevados preços dos bens alimentares causados pela escassez deixaram quatro em cada cinco habitantes de Gaza dependentes da ajuda humanitária. As características do bloqueio e as declarações feitas por responsáveis israelitas quanto ao seu objectivo mostraram que foi imposto como forma de punição colectiva dos habitantes de Gaza, constituindo uma violação flagrante da lei internacional.

A Operação "Chumbo Fundido" atirou a crise para níveis catastróficos. Após o seu final, o bloqueio prejudicou ou impediu os esforços de reconstrução. Em consequência disso,

registou-se uma deterioração ainda maior dos serviços de distribuição de água e da rede de esgotos. Houve mais cortes no abastecimento de electricidade, causando graves problemas no calor do Verão e nas instituições públicas e da saúde. Registou-se uma maior sobrelotação nas escolas. Um sistema de saúde já esticado ao limite enfrentou novas dificuldades devido às instalações danificadas e à maior procura. Houve pouca ou nenhuma possibilidade de recuperação económica. Israel continuou a negar o acesso de agricultores às suas terras situadas a menos de 500 metros da fronteira entre Gaza e Israel, e a proibir a pesca além da distância de três milhas náuticas da costa.

Entre as muitas pessoas encurraladas em Gaza encontravam-se pessoas com doenças graves que precisavam de cuidados médicos fora de Gaza, e estudantes e trabalhadores que precisavam de viajar para as suas universidades ou empregos na Cisjordânia ou no estrangeiro.

■ Samir al-Nadim morreu a 1 de Novembro depois de a sua saída de Gaza para realizar uma operação ao coração ter sido adiada durante 22 dias. Quando as autoridades israelitas finalmente permitiram a sua saída, a 29 de Outubro, já estava inconsciente e ligado a um ventilador. Morreu de paragem cardíaca num hospital de Nablus na Cisjordânia.

## **Restrições na Cisjordânia**

A vedação/muro de segurança erguido por Israel ao longo de 700 km na Cisjordânia, que separou muitos palestinianos das suas terras, empregos e familiares, juntamente com os longos períodos de recolher obrigatório, cerca de 600 postos de controlo israelitas, barreiras de estrada e outros obstáculos, continuaram a impedir os palestinianos de acederem a serviços básicos, incluindo serviços de educação e saúde.

## **Direito à água**

Israel continuou a negar o acesso justo dos palestinianos dos TPO a fontes de água seguras e adequadas, afectando o desenvolvimento social e económico e criando risco para a saúde pública, violando desta forma as suas obrigações enquanto potência ocupante. O consumo de água pelos palestinianos mal chegava aos 70 litros diários por pessoa – muito abaixo do mínimo diário de 100 litros recomendado pela OMS. O consumo diário per capita israelita era quatro vezes superior. O Exército israelita destruiu repetidamente cisternas para recolha da água da chuva usadas pelos palestinianos da Cisjordânia, alegando que tinham sido construídas sem autorização.

## **Desalojamentos forçados**

As forças israelitas desalojaram palestinianos à força e demoliram as suas casas, principalmente em Jerusalém Oriental, alegando que não tinham licença de construção. Estas licenças eram sistematicamente recusadas aos palestinianos. Simultaneamente, era autorizada a expansão dos colonatos israelitas em terras palestinianas ilegalmente confiscadas. A população beduína do Negev foi igualmente alvo de despejos forçados.

## **Uso excessivo da força**

As forças israelitas usaram força excessiva contra civis palestinianos, fazendo muitos feridos e algumas mortes. As forças de segurança usaram gás lacrimogéneo, balas de metal cobertas de borracha e munições reais, frequentemente em situações em que não existia risco para elas próprias ou para outras pessoas.

■ A 17 de Abril, o palestiniano Bassem Abu Rahmeh foi atingido por uma granada de gás lacrimogéneo a grande velocidade, provocando uma hemorragia interna que rapidamente causou a sua morte. Ele participava no protesto semanal na aldeia de Bil'in contra a

vedação/muro de segurança que separa Bil'in de grande parte das suas terras agrícolas. Um vídeo gravado na altura mostra que Bassem Abu Rahmeh estava desarmado e não constituía uma ameaça. O Exército israelita anunciou que estava a investigar a sua morte.

## **Sistema judicial militar**

### **Detenções sem julgamento**

O número de palestinianos detidos nas prisões israelitas sem acusação ou julgamento desceu de 564 em Janeiro para 278 em Dezembro.

■ Hamdi al-Ta'mari, um estudante palestiniano de 16 anos detido a 18 de Dezembro de 2008, continuou detido administrativamente sem culpa formada na Prisão de Ofer, junto a Ramallah, na Cisjordânia, até ser libertado a 14 de Dezembro. Fora detido sob ameaças de armas por soldados israelitas na sua casa em Belém e, segundo a sua família, foi pontapeado, agredido e vítima de outros abusos durante a sua detenção.

### **Julgamentos injustos**

Palestinianos dos TPO, incluindo menores, continuaram a ser interrogados sem a presença de um advogado e a ser julgados em tribunais militares em vez de tribunais civis, onde o seu direito a um julgamento justo não era respeitado.

### **Condições nas prisões – recusa de visitas de familiares**

Cerca de 900 prisioneiros palestinianos continuaram a não ter direito a visitas de familiares, alguns pelo terceiro ano consecutivo, porque os residentes de Gaza não tinham permissão para viajar para Israel desde a imposição do bloqueio.

## **Tortura e outras formas de maus-tratos**

Continuaram a ser registados casos de tortura e outras formas de maus-tratos de palestinianos pelo Serviço Geral de Segurança (GSS). Entre os métodos alegadamente usados encontravam-se os espancamentos, privação do sono e permanência prolongada em posições de esforço. A lei doméstica israelita continua a incluir a "necessidade" como possível justificação para a tortura.

## **Impunidade**

A impunidade continuava a ser a regra para os soldados, polícias e membros de outras forças de segurança israelitas, bem como para os colonos israelitas, que cometeram graves abusos dos direitos humanos contra os palestinianos, incluindo homicídios dolosos. Os actos de violência cometidos pelos colonos contra palestinianos incluíam espancamentos, apedrejamentos e destruição de colheitas e casas. Nos raros casos em que elementos das forças de segurança israelitas eram condenados, as penas eram extremamente leves.

■ Em Junho, o Gabinete do Procurador-Geral retirou uma acusação contra Ze'ev Braude, um residente do colonato de Kiryat Arba, em Hebron, muito embora ele tivesse sido filmado a disparar contra os palestinianos Hosni Matriya e o seu pai, Abed al-Hai, de 67 anos, ferindo-os gravemente, a 4 de Dezembro de 2008.

## **Prisioneiros de consciência – Objectores de consciência em Israel**

Pelo menos seis objectores de consciência israelitas foram presos em 2009 por recusarem servir no Exército, já que se opunham à ocupação militar dos Territórios Palestinos ou às acções do Exército em Gaza. As ONGs israelitas que dão apoio aos objectores de consciência foram sujeitas a uma crescente perseguição.

■ A 29 de Outubro, Or Ben David foi condenada a uma primeira sentença de 20 dias de prisão por se recusar cumprir o serviço militar. No final do ano voltou para a prisão para cumprir mais duas sentenças.

## Visitas/relatórios da Amnistia Internacional

🚗 Delegados da Amnistia Internacional visitaram Israel e os TPO em Janeiro, Fevereiro, Junho, Julho, Outubro e Novembro.

📄 Israel/TPO: O conflito em Gaza: "Briefing" sobre as leis aplicáveis, investigações e responsabilização (MDE 15/007/2009)

📄 Israel/TPO: Alimentando o conflito – fornecimento de armas do estrangeiro a Israel/Gaza (MDE 15/012/2009)

📄 Israel/Gaza: Operação "Chumbo Fundido": 22 dias de morte e destruição (MDE 15/015/2009)

📄 Israel/Territórios Palestinos Ocupados: São necessárias medidas urgentes para responder às preocupações levantadas pelo Comité da ONU contra a Tortura (MDE 15/019/2009)

📄 Águas agitadas: Acesso justo à água negado aos palestinianos (MDE 15/027/2009)